

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

PEDRO AUGUSTO MENTZ RIBEIRO^{*}
MARLON BORGES PESTANA^{**}
RODRIGO GERMANO FONSECA^{***}
TATIANA FARIAS WESKA^{****}

RESUMO

O projeto teve como objetivo completar, através da cultura material, lacunas da história da igreja Nossa Senhora da Conceição (1874) e da região onde está inserida. Foram realizados cortes experimentais na parte externa (fundos) e interna do templo (altar e nave central). O perfil estratigráfico do pátio apresentou cinco camadas, alcançando 1,90m de profundidade, já o interno revelou três camadas e a profundidade de 1,20m. Escavações foram realizadas ao redor de uma estrutura (poço) encontrada na nave lateral esquerda, junto ao altar, 0,60cm abaixo do piso atual. O poço mede 2,25m de diâmetro interno, 0,33m de espessura (comprimento dos tijolos) e 0,02m de reboco. Material resgatado: cerâmica (vasilhas das tradições Tupiguarani, Vieira e Neobrasileira e cachimbo da Neobrasileira); cerâmica colonial e colonial vidrada; louça (faiança, faiança fina, *ironstone*, *salt-glazed*, etc.); vidro (garrafas, taças, toucador, frascos de remédio, etc.); metal (lâmina de machado, colher, armadilha para animais, tesouras, chaves, cravos, pregos, painéis fragmentadas, moedas portuguesas e do Brasil Império etc.); osso (botões, cabos e restos de alimentação); lítico: material (afiador de faca, lousas, ponteiras, etc.); matéria-prima (ardósia, quartzo leitoso, granito, arenito etc.). O material arqueológico foi classificado, restaurado, analisado, fotografado, desenhado, foram confeccionadas tabelas e o material foi acondicionado conforme método Mentz Ribeiro (2004); em gabinete, realizaram-se estudos comparativos, a arte final e redação do presente artigo científico para publicação. Entre os resultados preliminares, concluímos que o poço pertencia a

^{*}Doutor em História – PUCRS; Pós-Doutor – Universidade do Porto, Portugal.

^{**}Bacharel em História; Especialista em História do Rio Grande do Sul – FURG; mestrando em História – Unisinos.

^{***}Bacharel em História – FURG.

^{****}Acadêmica do curso de História Bacharelado – FURG.

uma residência situada ao oeste, provavelmente junto à rua, ou seria um dos dez que abasteciam a cidade por volta de 1860. Com o início da construção da igreja (1872), o mesmo teria sido aterrado. Não foram encontrados vestígios do forte Jesus-Maria-José, de 1737, descartando uma tradição oral de que a igreja teria sido construída sobre aquela construção militar, marco da colonização portuguesa no Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The objective of the project was to fill gaps in the history of the church of Nossa Senhora da Conceição (1874) and the region in which it is. Stratigraphic excavations were undertaken in the exterior and interior (altar and central nave) of the church. The excavation in the patio consisted of five levels reaching a depth of 1.90 m. Those contained three levels inside in a depth of 1.20 m. A well 2.25 m. in diameter was found in the left nave adjacent to the altar, 0.60 m below the present floor. The following materials were collected: pottery (Tupiguarani, Vieira, and Neo-Brazilian traditions), pipe (Neo-Brazilian); unglazed and glazed colonial ceramics; faience, ironstone, and saltglazed wares; glass bottles, goblets, medicinal bottles, etc.; metal axes, spoons, animal harness, scissors, keys, nails, broken pots, etc.; Portuguese and Imperial Brazilian coins; bone buttons, handles, and food remains; grinding stone, slate, granite, sandstone, quartz and other raw materials. The archeological remains were classified, restored, analyzed, photographed, drawn, and tabulated, and comparative studies were conducted. Preliminary results indicate that the well either belonged to a residence located to the west, probably adjacent to the road, or was one of the ten public wells that supplied the city around 1860, and was buried when then construction of the church began in 1872. No evidence was found of the fort Jesus, Maria, José of 1737, refuting the oral tradition that the church was built on that military facility, a landmark for the Portuguese colonization of Rio Grande do Sul.

1 - INTRODUÇÃO

A inclusão da atividade arqueológica no projeto de restauração da igreja de Nossa Senhora da Conceição foi o reconhecimento da sua relevância e imprescindível participação na restauração de prédios ou locais históricos. Intervenções anteriores na cidade do Rio Grande pela equipe do LEPAN, particularmente sua coordenação, bolsistas e bolsistas voluntários, foram responsáveis por essa mudança de atitude. Destaque para as escavações, a partir de 1996, na Catedral de São

Pedro, Sobrado dos Azulejos e Poço de captação d'água, além de estudos e proteção de sítios arqueológicos do Saco da Mangueira. Estes trabalhos alertaram e conscientizaram boa parte da população, em particular as instituições, autoridades e pessoas responsáveis pela defesa e manutenção do patrimônio cultural da cidade. Colaborou, da mesma forma, a divulgação dos resultados das pesquisas através dos meios de comunicação: as estruturas, enterramentos, objetos do cotidiano, etc. Os pesquisadores destacaram, ainda, a importância da utilização desses vestígios materiais para artigos científicos e populares, museus, exposições (Festa do Mar, Feira Agropecuária). Todas as tarefas anteriormente descritas foram realizadas praticamente sem auxílio financeiro (dois mil reais, no Sobrado dos Azulejos) e, exceto na igreja da Conceição, consistiram em um oferecimento, quase intervenção, da coordenação do LEPAN aos responsáveis pelas respectivas restaurações.

2 - HISTÓRICO

2.1 - Histórico da cidade

Em 1735, devido ao ataque castelhano à Colônia do Sacramento, o Conselho Ultramarino de Portugal dirigiu sua atenção para a região do Rio Grande de São Pedro. O pensamento do Conselho era a formação de um estabelecimento militar destinado a dar apoio logístico à Colônia do Sacramento

O Brigadeiro José da Silva Paes chega ao Rio Grande de São Pedro em 19 de fevereiro de 1737 para povoar e construir uma organização militar.

A fundação do forte Jesus-Maria-José e povoação do Rio Grande de São Pedro não foi apenas um ato de interesse militar, mas vinculava-se amplamente ao contexto geopolítico platino gerado ao longo dos séculos XVI e XVII e de inícios do século XVIII. Como relata Souza Docca, citado por Queiroz: “Desde a fundação da Colônia do Sacramento (1680), o território que se estendia do Rio da Prata à capitania de São Paulo atraía a atenção da administração colonial e de particulares, ambos interessados

em descobrir e explorar o potencial econômico da região”¹.

Através do forte ficava garantido aos portugueses o controle e a posse de todo o território que se estendia até Laguna, e, por outro lado, os espanhóis ficariam barrados em suas ações à imensa rede hidrográfica que penetrava para o interior a partir da Lagoa dos Patos (Figura 1b).

O forte adquiriu formas e funções urbanas, devido ao aglomerado populacional que se formou no local. No período de 1738 a 1749, a edificação do Rio Grande apresentava grandes dificuldades, pois as construções eram feitas obrigatoriamente sobre as areias, não havendo materiais de construção resistentes.

As limitações impostas pelo meio ambiente foram aspectos marcantes no começo da urbanização do Rio Grande.

O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que empreendeu viagens de estudos ao Sul do Brasil, relata as dificuldades que sofreram os primeiros povoadores de Rio Grande para estabelecerem um núcleo urbano, devido à péssima condição do solo arenoso e úmido, e também por ventos muito fortes, soprando constantemente. Os povoadores foram, aos poucos, amontoando-se em construções em cima de aterros, erguendo de forma aleatória suas casas, originando assim um núcleo urbano desorganizado. A cidade era coberta de areia, salvo nas margens do canal do Rio Grande e da Mangueira, que alguns viajantes descreviam como um lugar desagradável para se viver.

Sobre a expansão da cidade, Saint-Hilaire relata:

A cidade estendia-se outrora bem para o lado oeste. As areias encobriram entretanto, ruas inteiras. A povoação estendeu-se pouco a pouco para leste, conquistando terreno ao lago por meio de aterros de areia e entulhos. Casas que há trinta anos ficavam ao centro da cidade estão hoje à sua extremidade ocidental.²

A cidade desenvolveu-se sempre às margens do canal e, em 1821, ainda estava restrita à área do porto. A estrutura era muito precária. Com a chegada do comércio, em 1850, os imigrantes alemães, ingleses, franceses, italianos e portugueses deram uma

¹ QUEIROZ, 1987, p. 29.

² SAINT-HILAIRE, 1974, p. 62.

grande contribuição para a economia local.

2.2 – Histórico da Igreja Nossa Senhora da Conceição

Nos séculos XVIII e XIX, o papel das irmandades e ordens religiosas é fundamental no quadro de organização e difusão do catolicismo no Brasil. Rio Grande, enquanto primeiro centro de povoamento luso-brasileiro no Rio Grande do Sul, conviveu com ordens religiosas como a de São Francisco e a do Carmo.

No cristianismo, manteve-se a idéia religiosa atribuída ao sepultamento. Surge a prática dos enterramentos dos mortos nas igrejas ou em volta delas, pois muitos crentes tinham seus túmulos agrupados em torno das capelas atribuídas a mártires. Devido a isso, os cemitérios começaram a ser dispostos em torno das igrejas e no interior das mesmas. “A prática na região vai até 1832, com a construção do cemitério Nosso Senhor do Bom Fim, próximo à igreja Nossa Senhora do Carmo. Em 1850 foram proibidos, pela igreja Católica, enterramentos no interior dos templos”³.

Fatores ligados à higiene e ao excesso da ocupação do espaço foram alguns dos motivos que levaram o governo imperial brasileiro a proibir essa modalidade de enterramento. Devido a essa proibição, não foram encontrados sepultamentos no interior da Igreja Nossa Senhora da Conceição, pois o início da sua construção ocorreu em 1872.

A igreja foi construída em estilo neogótico, neomanuelino, com arcadas e colunas em madeira, destacando-se o altar e os púlpitos entalhados em madeira. O local escolhido foi junto à Praça do Poço, atual Praça Sete de Setembro, lateral leste (Figuras 1c, 1d). No dia 13 de dezembro de 1874, embora não estivesse totalmente concluída, foi inaugurada a capela, momento no qual foi transferida a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A partir de 1888 a capela original foi ampliada. Por uma influência do Visconde Antônio Joaquim Pinto da Rocha, prestigiada figura da comunidade, ligado à igreja católica e também à maçonaria, a ampliação acabou tendo um traçado da fachada num estilo muito próximo ao da Loja Maçônica União Constante da cidade do Rio Grande.

As obras foram concluídas em 20 de setembro de 1890,

³ MENTZ RIBEIRO ; PENHA; PESTANA, 2004, p. 52.

mantendo a igreja até hoje os traços daquela época. No mesmo dia a igreja Nossa Senhora da Conceição foi consagrada oficialmente (Figura 3).

2.3 – Histórico e técnica da pesquisa

2.3.1 – Em campo

Na pesquisa, utilizamos a metodologia do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro⁴. Após o levantamento bibliográfico em um considerável acervo de fontes documentadas e uma visita ao local, foi possível efetivar o projeto de pesquisa e só então se iniciarem, as escavações arqueológicas.

Em campo foram efetuados três cortes experimentais durante os meses de fevereiro a abril e agosto de 2003, dois no interior do templo e um externo nos fundos (Figura 1d). Na quadrícula “A” externa, inicialmente escavada em níveis artificiais de 20cm, foi constatada relativamente grande concentração de entulho e por esse motivo passou-se a escavar de acordo com as camadas que oscilavam entre 40cm e 60cm de espessura, alcançando 190cm de profundidade (Figura 2a; 4a).

A quadrícula interna, denominada “B”, realizada no centro da nave, tem as seguintes dimensões: 3,0m em direção leste-oeste e 1,5m na direção norte-sul. Foi escavada respeitando-se as camadas, ou seja, 0-40cm, 40-60cm e 60-90cm (Figura 2b; 4b).

Ainda foi realizado um corte interno no altar, chegando a uma profundidade de 1,4m. Os operários encontraram, ao lado direito do altar, na lateral próxima à parede do templo, uma estrutura circular de tijolos. Através da intervenção arqueológica constatou-se tratar-se de um poço (Figura 2c, 2d; 5a, 5b).

A terra retirada das quadrículas era peneirada em malha de 5mm. Recolhido o material, acompanhava-o etiqueta identificadora. Após era acondicionado em sacos de pano, separado conforme a sua natureza (pedra, louça, cerâmica, metal, osso); as peças menores e mais delicadas eram colocadas em frascos de filmes. Entre as peças destacamos os fragmentos de faiança fina (pratos, xícaras, tigelas, etc.), imagens sacras em

⁴ MENTZ RIBEIRO, 2004.

terracota e cerâmica da tradição Neobrasileira (fragmentos de vasilhas e cachimbos).

2.3.2 – Em laboratório

Logo que o material era levado ao laboratório, sofria o processo de limpeza: louça, cerâmica, lítico e vidro eram limpos em água corrente, utilizando-se escovas adequadas, com cerdas flexíveis e macias. O material ósseo, assim como os fragmentos de metal, foram somente escovados, retirando-se assim os excessos. Após essa etapa, colocava-se o material em grandes esteiras para secar a temperatura ambiente. Na seqüência ocorria seu registro-numeração, classificação, restauração e análise. O material era identificado pelas camadas e/ou níveis em que foi encontrado. As peças mais características, em cada tipo de matéria-prima, foram fotografadas com filmes (negativo preto e branco, diapositivo colorido) e foto digital. Elaborou-se uma tabela geral do material obtido.

Finalmente o material foi acondicionado em caixas de papelão, envolto com jornais.

2.3.3 – Em gabinete

A atividade de gabinete constou da confecção dos relatórios, enviados ao Departamento de Biblioteconomia e História (DBH), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAÉ) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, paralelamente, realizou-se o levantamento bibliográfico, com fins comparativos, e os dados históricos da cidade e do templo.

Mapas, desenhos, croquis, plantas do sítio, arte final e tabela foram também confeccionados. Complementando as atividades de gabinete, organizaram-se os dados para apresentações em congressos de Arqueologia, mostras universitárias e palestras para a comunidade.

3 – DESCRIÇÃO DO MATERIAL

3.1 – Cerâmica

3.1.1 – Indígena. Dois fragmentos da tradição Tupiguarani,

decoreção corrugada com aproximadamente 4,3cm²; um fragmento da tradição Vieira com aproximadamente 2,9cm²; o tratamento de superfície é o alisado. Todos os fragmentos foram cozidos em atmosfera oxidante.

3.1.2 – Neobrasileira

3.1.2.1 – Vasilha. Setenta fragmentos de vasilhas, dos quais dois são pintados de vermelho na parte externa, seis internamente e o restante é simples. A dureza das peças ficou entre 3 e 4 (escala de Mohs). Registraram-se asa, alças, bordas, bases e bojos (Figura 6a-c). A maioria dos fragmentos foi confeccionada pela técnica do torneado e outros aparentemente moldados. A espessura varia entre 0,8 e 2,0cm, ficando a média em 1,2cm. A cor das paredes varia de ocre-pardacenta até negro-acinzentada e o núcleo é negro-azulado. O antiplástico é arenoso com grãos finos. Encontramos em alguns fragmentos manchas de fumaça na superfície. O tratamento da superfície, na quase totalidade, é o alisamento, interna e externamente, verificando-se imperfeições e ranhuras, feitas involuntariamente durante o manuseio das peças com a argila ainda fresca. Foram realizados desenhos do perfil das bordas.

3.1.2.2 – Cachimbo. Quatro fragmentos, todos com decoreção incisa e as seguintes características: um apresenta 2,4cm de boca, 2,5cm de altura e 1,0cm de porta-boquilha, decorado com figuras geométricas (quadrado, retângulo etc.). O segundo tem 1,5cm de boca, 1cm de altura e 0,5cm de espessura; decoreção com figuras geométricas. O terceiro fragmento possui 1,5cm de boca, 2,0cm de altura e 0,7cm de espessura, com decoreção listrada. O quarto apresenta 1,0cm de abertura da porta-boquilha, 1,2cm de altura e 9mm de espessura, decorado com pequenos quadrados. Apresentam um reforço externo na borda do forninho decorado com incisões paralelas entre si e perpendiculares à borda (Figura 6d-g).

3.1.2.3 – Imagem sacra. Uma imagem sacra fragmentada ao meio, medindo 6,2cm de altura e 3,0cm de largura, queima completa, antiplástico de areia fina, fratura irregular. Técnica de confecção é o modelado (observam-se marcas das digitais na parede interior da peça), pintada com as cores branca, preta e azul (Figura 7b).

3.1.2 – Cerâmica colonial vidrada. Foram registrados 679 fragmentos que apresentam queima controlada sob atmosfera redutora; a espessura varia entre 0,6 e 0,9cm, predominando 0,8cm. O tratamento de superfície é vidrado interno, externo e

interno/externo, sendo mais popular o vidrado interno (76,09%). As cores que predominam são: verde-oliva, amarelo-pardacenta e amarela (Figura 6h, 6i).

3.1.3.1 – Vasilha. Apresentam a superfície dos fragmentos bem-acabada; a cor do núcleo é clara com queima controlada em atmosfera redutora. A cor vermelha é predominante, pintadas interna e externamente, com 81,29% vermelho polido, possuindo certo polimento.

3.1.4 – Telha. Foram encontrados 180 fragmentos de telha, de formato meia-cana, goiva e estilo “francesa”. Não houve registro de telha vidrada ou esmaltada.

3.1.5 – Louça. O total de fragmentos foi de 1.923, pertencentes a peças de jantar (pratos fundos e rasos, os mais freqüentes), chá, café, xícaras, malgas, manteigueiras, jarras, tigelas, açucareiros, urinóis. Foram tomadas medidas, verificada a tonalidade, a composição do esmalte (metálico ou mineral), a composição da pasta (caulim, ossos calcinados, giz e cal), analisada a função dos fragmentos e a distribuição da decoração.

3.1.5.1 – Faiança⁵. Decoração: mourisca na orla dos fragmentos de vasilhas, linhas sinuosas marrons e paralelas azuis sobre fundo branco. Este tipo pertence ao grupo 4, período 2, que foi produzido da segunda metade do século XVI ao primeiro quartel do século XIX; “este grupo caracteriza-se pela decoração de inspiração hispano-árabe, ou seja, *Mudéjar*, nas cores azul-escuro e vinho ou castanho, sobre uma faiança de tonalidade bege, com vitrificado imperfeito, com grande número de variantes”⁶; bandas em laranja, verde e azul; pintada à mão (motivos florais em laranja, verde e azul); negativo de pinceladas em azul sobre papel recortado colocado sobre a pasta da cerâmica; esmalte metálico. As dimensões dos fragmentos variam entre 1,9 e 5,6cm de comprimento, 1,2 e 6,1cm de largura e entre 0,4 e 0,6cm de espessura (Figura 8a-h).

3.1.5.2 – Faiança fina⁷. As louças brancas tiveram maior ocorrência: *White ware* (15,27%), *Pearl ware* (26,95%) e *Cream ware* (11,96%). Entre as decorações coloridas, o padrão que mais

⁵ A faiança foi classificada por Marlon Borges Pestana, segundo o modelo de Albuquerque (2001).

⁶ ALBUQUERQUE, 2001, p. 90.

⁷ A faiança fina foi classificada por Marlon Borges Pestana usando como base os trabalhos de Schavelzon (1988 e 1991) e Andrade Lima (1995 e 1997).

predominou foi o *Peasant style* (10,65%). Também registraram-se outras decorações como *Transfer printed*, com as cores azul, marrom, violeta, roxa, preta e vermelha (Figura 8i, 8k), *Shell edge* (verde, azul e branca), *Yellow* e *Blue banded*, *Dipped*, *Sponged*, *Willow Pattern*, faixas e frisos, carimbada, mocha, *Cat's eye*, *Flotted*, *Victorian edge*, litográfica (Figura 8m), azul borrão (Figura 8j, 8l), etc. Foi observada a presença de *silt*.

3.1.5.3 - Ironstone. Representa 5,15% do total da louça. Aqueles cuja identificação foi possível consistiam em pintura externa a esmalte utilizando à mão livre. Observamos dois fragmentos pintados externamente, dois apêndices de tampa e o restante provavelmente originários de pratos e xícaras.

3.1.5.4 - Caulim. Foram registrados apenas dois fragmentos referentes a cachimbos não-vidrados, um com 3,0cm de comprimento, 0,9cm de espessura do porta-boquilha, e o outro com 2,5cm de comprimento, 1,6cm de altura e 6,0cm de espessura. Uma estatueta sacra moldada (marcas laterais do molde duplo), sem pintura, 9,5cm de altura, 3,5cm de largura (Figura 7a).

3.1.5.5 - Porcelana. Do total das louças, 1,75% são porcelanas. Entre os fragmentos, três pertencem à porcelana chinesa. Merecem destaque um vaso fragmentado, faltando parte da borda e uma alça, *silk screen*, com 18,5cm de altura, 9,5cm de largura e 0,5cm de espessura (Figura 7d) e um bibelô com pequenas fraturas ou lascamentos, representando um rato, com 4,8cm de comprimento e 2,5cm de altura (Figura 7c). Os demais fragmentos são de pratos, xícaras e vasos. O vaso e o bibelô procedem do entulho, isto é, das escavações feitas pelos operários encarregados da restauração do prédio.

3.1.5.6 - Salt-Glazed. As garrafas cilíndricas e tinteiros representam 70,49% dos fragmentos, técnica do cozimento completa e o tratamento da superfície é vidrado. Os fragmentos têm 0,8cm de espessura média e o esmalte externo possui cor pardacento-clara. A técnica de manufatura é o torneado (Figura 6j).

3.1.6 - Peça de jogo (disco). Um fragmento de faiança fina, decoração *Peasant style*, reutilizada e trabalhada a fim de alcançar a forma circular. Medidas: 1,3cm de diâmetro e 0,3cm de espessura (Figura 11i).

3.1.7 - Bola de gude. Uma peça esférica com 1,8cm de diâmetro, decoração pintada a mão, com seis listras vermelhas circundantes

e três ramos verdes, em forma de gota, diametralmente opostos (Figura 11h).

3.2 – Lítico. Vários tipos de matéria-prima obtidos: quartzo, arenito, granito, basalto, xisto e calcedônia. Através da análise conseguimos definir possíveis funções das peças, como material de construção, afiador de faca, pequenas lousas e ponteiras de ardósia, estes dois últimos utilizados para práticas escolares entre os séculos XVIII ao XX, além de outras não-identificáveis. Também, quatro estruturas de cimento, prováveis pedestais de um altar, medindo 12,0cm de altura e a base 17,5 x 10,0cm.

Predomina o material de construção com 77,93% de fragmentos. Analisaram-se outras matérias-primas, que ocorreram em menor número, como pedra talco, *mica muscovita* e mármore.

3.3 – Metal⁸. Foram analisados 3591 fragmentos, que apresentavam grau de oxidação médio e avançado, assim classificados: ferro, bronze, cobre, estanho, alumínio, chumbo, etc. As peças encontradas possivelmente eram utilizadas como utensílios e ferramentas.

O material foi limpo, em laboratório, pelo sistema de decapagem manual, dificultado, em algumas peças, pelo grau muito avançado de ferrugem. Realizou-se também experiência na limpeza de uma moeda utilizando a decapagem ácida com ácido clorídrico.

Destacamos ferramentas e utensílios: duas limas e três talhadores, utilizados paralisar e cortar, fender madeira, respectivamente, uma lâmina de machado, uma armadilha de porte médio para animal (roedor?), dois talheres de cozinha de estanho, uma tesoura grande e um cadinho, utilizado para o derretimento de chumbo, quatro painéis fragmentadas e um acendedor-apagador de velas. Exceto o último, os demais materiais encontram-se em um nível avançado de oxidação ferruginosa.

3.3.1 – Aço maleável:

3.3.1.1 Cravo. Possuem o corpo e a “cabeça” com forma quadrada ou sextavada. O grau de oxidação ferruginosa é médio. O

⁸ O metal das peças foi classificado pelos Srs. Luiz Carlos Koller e Wagner Koller, da Metalúrgica Arc'Metais, Rio Grande.

comprimento varia entre 8,0 e 18,0cm.

3.3.1.2 Prego. Corpo e cabeça com forma circular, variando de 3,0 a 12,0cm de comprimento. O grau de oxidação ferruginosa é médio, facilitando assim a classificação e análise.

3.3.1.3 Fechadura. Dois fragmentos, com nível avançado de oxidação ferruginosa, 12,0cm de comprimento e 0,5cm de espessura. Espelho de fechadura com 10,7cm de comprimento, 8,4cm de largura e 0,2cm de espessura. Aparecem perfurações laterais e o buraco da fechadura está oxidado.

3.3.1.4 Ferradura. Uma peça com 10,0cm de comprimento e 12,0cm de largura.

3.3.1.5 Dobradiça. Duas peças utilizadas em porta, uma com 8,0cm de comprimento e 0,2cm de espessura. Outra com 7,1cm de comprimento, 4,2cm de largura, 0,3cm de espessura; quatro furos nos cantos laterais de 0,6cm de diâmetro; o soquete para o pino tem 3,6cm de comprimento e 0,9cm de largura.

3.3.1.6 Armadilha. Uma peça com 27,5cm de comprimento, 1,9cm de largura e 1,3 na parte menos espessa e 4,3cm na parte mais espessa.

3.3.1.7 Chave. Medindo 10,5cm de comprimento e 1,0cm na parte mais larga (Figura 9e).

3.3.1.8 Lâmina de machado (cunha?). 14,2cm de comprimento; 7,0cm de largura da lâmina no bordo ativo; menor espessura de 1,1cm; maior espessura de 2,7cm; 5,7cm de largura da lâmina na zona de encabamento.

3.3.1.9 Painel. Fragmentos de uma mesma panela com 19,0cm de abertura da boca; reforço na borda de 0,5cm de espessura; a espessura da parede oscila entre 0,2 e 0,3cm.

3.3.2 Níquel:

3.3.2.1 Moeda⁹. Sete moedas com as seguintes características: a) Dez réis em cobre de 1753. Anverso: No campo, no interior de um colar em pérolas, o valor em algarismos romanos, X, entre florões; abaixo do valor encontra-se a data, 1753, entre dois pontos. Na orla a legenda DGUINE IOSEPHUSIDG. Reverso: No campo a esfera armilar. Na orla a legenda TOTUM.CIRCUMIT.ORBEM. b) Cinquenta centavos em cúpro-níquel

⁹ As moedas com datas anteriores a 1975 foram classificadas de acordo com o *Catálogo de Moedas Brasileiras de 1643 a 1975*, 13ª edição, publicado por Santos Leitão Ed. Numismática Ltda., Rio de Janeiro, 1976.

de 1970. Anverso: No campo, a figura de um navio atracado no porto. O valor aparece no alto, acima da imagem, em algarismos arábicos, 50 e, logo abaixo, CENTAVOS; abaixo da figura e separado por um traço, a data, 1970. Reverso: No campo a figura de uma deusa, representando a República. Na orla, cercada por duas estrelas, a legenda BRASIL. c) Cinquenta cruzeiros em níquel de 1984. Anverso: imagem do mapa de Brasília, em cima escrito BRASIL. Reverso: escrito 50 e, logo abaixo CRUZEIROS e próximo à orla está a data. d) Um cruzado em níquel de 1987. Anverso: Armas da República. Reverso: no centro está escrito 1, abaixo, a data e próximo à orla lê-se BRASIL e CRUZADO. e) uma de valor não identificado. Anverso: face de D. Pedro II. Reverso: escudo de armas do Império (década de 60 do século XIX?). f) Duas de dez cruzeiros em níquel de 1984. Anverso: mapa do Brasil indicando as principais rotas econômicas. Reverso: lê-se o número 10, abaixo está escrito CRUZEIRO; junto à orla está a data. g) Uma de dez centavos em níquel de 1989. Anverso: no centro aparece um garimpeiro e abaixo está a imagem de três diamantes. Reverso: o número 10, logo abaixo está escrito CENTAVOS, e próximo à orla lê-se BRASIL.

3.3.3 Chumbo:

3.3.3.1 Esfera de chumbo (projétil de arma de fogo?). Duas peças com 1,6cm de diâmetro e 27,0 gramas.

3.3.4 Antimônio:

3.3.4.1 Acendedor-apagador de velas. Uma peça procedente dos primeiros centímetros da escavação no altar, medindo 21,0cm de comprimento e 7,0cm de largura (Figura 9a).

3.3.5 Alpaca:

3.3.5.1 Talher. Uma colher com 12,8cm de comprimento, largura entre 1,3 e 0,4cm e 0,15cm de espessura (Figura 9c); fragmento (garfo? colher?) com 13,5cm de comprimento, 1,8 a 0,6cm de largura e 0,2cm de espessura, apresentando em relevo, no reverso, símbolos: flor, cruz de malta, pássaro, roseta e fruta (Figura 9b).

3.3.6 Aço Temperado:

3.3.6.1 Tesoura. Com 13,8cm de comprimento e 4,7cm de largura e 0,6cm de espessura (Figura 9d) e fragmento (Figura 9f).

3.3.6.2 Talhador. Peças com comprimento entre 15,2 e 1,6cm, entre 1,6 e 2,3cm de largura e espessura entre 1,2 e 0,9cm.

3.3.7 Aço rápido:

3.3.7 1 Lima. Uma peça com 10,7cm de comprimento, seção triangular, maior largura de 0,9cm e menor largura de 0,6cm.

3.3.8 Aço carbono:

3.3.8 1 Formão. Uma peça com 10,5cm de comprimento, 3,2cm de largura no gume ativo, 0,9cm de largura na zona de encabamento, 0,4cm de espessura.

3.3.9 Areia queimada + grafite:

3.3.9 1 Cadinho. Uma peça com 11,3cm de altura, 8,4cm de profundidade, 4,9cm de diâmetro da base (circular). A forma da boca é triangular, com 8,7cm de abertura, 0,7cm de espessura da parede. Encontra-se resíduo de minério de ferro dentro do cadinho.

3.3.10 Prata:

3.3.10.1 Anel. 2,2cm de diâmetro externo, 1,8cm de diâmetro interno, 0,19cm de espessura. A peça possui 10 apêndices na borda externa. Prata +/- 900 (90% prata + 10% níquel). Classificada como de boa qualidade.

3.4 Vidro. O vidro totalizou 3088 fragmentos, com espessura variando de 0,3cm a 0,5cm. Os fragmentos foram medidos e identificados os seus atributos tecnológicos e morfológicos que permitiram determinar o período de produção de cada peça. Além dos vidros incolores, as colorações predominantes foram oliva-pardacenta, verde-água, âmbar e azul-cobalto. As tecnologias empregadas foram placa, soprado, molde duplo e triplo. As prováveis funções do vidro: vidraça (formas planas) e “bandeira”, garrafas de bebidas, frascos de toucador e de remédio, taça (bases), cálice, copo, lâmpada, bola de gude. As garrafas e frascos apresentam formas cilíndricas e tronco retangular, transparentes, verde-oliva, verde-claro, âmbar e azul-cobalto. As garrafas provavelmente continham bebidas alcoólicas como vinho, gim, rum, etc.

Os vidros incolores de vidraças foram produzidos, em grande quantidade, na segunda metade do século XIX, com a finalidade de possibilitar a transparência dos ambientes (lojas e residências). A coloração verde-água é ocasionada pela falta de

colorantes. A azul-cobalto e a âmbar foram produzidas após 1890, sendo que a última, devido a sua composição química, protege o conteúdo da influência da claridade.

3.4.1 Frasco de remédio. Os fragmentos de vidro de remédio representam 21,40% do total dos vidros, além de um frasco inteiro e um fragmentado. Sua técnica de fabricação é moldada (possui marcas de molde). As cores mais comuns foram verde-claro e azul-cobalto. O frasco inteiro, marrom-escuro, mede 12,5cm de comprimento e 3,3cm de largura; o fragmentado incolor apresenta 6,0cm de comprimento e 2,2cm de diâmetro. Inscrições observadas nas laterais de um frasco de remédio fragmentado: “HAMBURG”, “NAGEL’S” e “HHOLDER”; na base as letras “...I S T”.

3.4.2 Frasco de tinta e de perfume. Vidros incolores moldados. Dois frascos são inteiros: no primeiro deles consta em relevo “JAPANESE-GOLD-PAINT” numa lateral e GERSTENDORFER BROS NEWYORK CHICAGO”, na outra. Mede 5,6 cm de comprimento e 2,5 cm de largura . No segundo frasco, com 9,0 cm de comprimento e 5, 2 cm de largura, está impresso, também em relevo, “E. COUDRAY-PARIS-PARFUMEUR” (Figura 10b, 10c, 10d).

3.4.3 Cálice. Base translúcida incolor, corpo em cores azul-celeste-escura e azul-celeste-clara e verde; técnica de confecção é o sopro. Dimensões das bases entre 4,0 e 4,5cm, altura de 9,3 a 10,6cm e 3,3 a 4,9cm de abertura (Figura 10f-i).

3.4.4 Garrafa. Técnica de confecção é o sopro e as cores registradas são a âmbar, verde-oliva, verde-claro e verde-escuro. Corpo cilíndrico, altura de 28,0cm, diâmetro entre 6,7 e 7,8cm, gargalo com diâmetro interno com 1,5cm. No fundo ou base, em relevo, estas palavras: “WOOD PORTOBELLO”; “R.COOPER & C” e PORTOBELLO”.

3.4.5 Bola de gude. Cor verde, translúcido, com 2,0cm de diâmetro (Figura 11j).

3.4.6 Copo. Cilíndricos com espessura de 0,2cm.

3.4.7 Lâmpada. Fragmentos de bojo, incolores e transparentes, com 0,02cm de espessura.

3.5 Osso. Foram analisados 2604 fragmentos pertencentes a restos de alimentação (bovina, peixe, aves, entre outros não-identificados) e objetos, tais como cabo de facas, botão, conta-decolar, fragmento de escova de dentes e outros materiais confeccionados em ossos bovinos. Em grande número desses

ossos, também de bovinos, observaram-se marcas de corte, ou seja, vestígios de ação humana. Alguns ossos não-identificados encontravam-se carbonizados pela ação do fogo e oxidados.

3.5.1 Botão. Quatro peças circulares, fragmentadas, três com quatro perfurações centrais e uma com cinco. Os diâmetros variam entre 1,6 e 0,8cm (Figura 11a-d).

3.5.2 Cabo de faca. Um fragmento restaurado com 9,0cm de comprimento, 1,0cm de largura e 0,7cm de espessura (Figura 11e).

3.5.3 Conta-de-colar. Formato circular com perfuração central, diâmetro de 1,2cm, 0,2cm de espessura e diâmetro da perfuração (central) de 0,25cm.

3.5.4 Molde para botões. Um fragmento com 5,5cm de comprimento, 1,5cm de largura e 0,3cm de espessura. Não apresenta sinais de cortes (Figura 11g).

3.5.5 Cabo de escova de dentes. Um cabo fragmentado com 8,5cm de comprimento, 1,5 a 1,3cm de largura e 0,5 a 0,2cm de espessura (Figura 11f).

3.6 Plástico. Representaram um total de 32 fragmentos, sendo dois pentes, tampas de recipientes, fragmentos de cano PVC, botões, materiais escolares como apontadores e outros não-identificados.

3.6.1 Contas-de-rosário. Duas contas moldadas, esféricas, diâmetro entre 0,18 e 0,59cm, diâmetro da perfuração central entre 0,10 e 0,12cm.

3.7 Concha. O total alcançado foi de 90 univalves, com média de 2,0cm de comprimento.

3.8 Carvão. Cento e vinte e quatro fragmentos de carvão vegetal e mineral, o primeiro com maior incidência.

3.9 Material de construção. A maior ocorrência foi de reboco, seguido de outros materiais como concreto, cimento, resíduo de forja, cinza, restos de piso, lajota, azulejo e madeira.

3.9.1 Tijolo. Cento e quarenta e oito fragmentos com 15,0cm de largura e 7,0cm de largura, queima incompleta em 32,43% do total. Estes últimos possuem a cor do núcleo preto-azulada.

3.10 Couro. Treze pequenos fragmentos de sola de sapatos com

0,6cm de espessura, formada por duas camadas de couro coladas (parte posterior e anterior do sapato).

3.11 Outras ocorrências

3.11.1 Poço. Formado por tijolos deitados com o comprimento direcionado ao centro, unidos por argamassa, parcialmente rebocado. As dimensões do poço são: 2,25m de diâmetro interno, 0,35m de espessura da parede (composta de tijolos [0,33m] e reboco [0,02m]) e 1,30 m de profundidade, quando, então, passa a verter água.

Externamente, a partir da borda até 0,40m de altura, o poço estava rebocado. Junto ao poço existe uma fileira de tijolos, semicircundado-o e ao mesmo tempo afastando-se em direção leste, como a indicar um caminho (Figuras 2c, 2d; 5a e 5b).

4 - COMPARAÇÕES

As diferenças encontram-se nos percentuais dos vários tipos de peças e de matéria-prima em comparação com sítios mais antigos. Um exemplo é a inexistência de faiança fina até a segunda metade do século XVIII.

O material encontrado na Igreja Nossa Senhora da Conceição pode ser comparado com sítios arqueológicos religiosos como a catedral de São Pedro, na mesma cidade do Rio Grande¹⁰.

As escavações na catedral foram o primeiro trabalho de Arqueologia Histórica na cidade do Rio Grande. O templo foi construído em 1755 e elevado à categoria de catedral em 1971, permanecendo ativo até hoje. Nesse sítio também foram encontrados os seguintes materiais: cerâmica (Neobrasileira, colonial e colonial vidrada), louça (faiança, faiança fina e *salt-glazed*), vidro (garrafa, vidraça e conta-de-colar ou de rosário), metal (enfeite, prego, tacha, cravo, moeda, botão, talher, espelho de fechadura e chave). Assim como na Igreja Nossa Senhora da Conceição foi registrado um grande número de conchas (provavelmente trazidas para aterrar ou servir de argamassa nos rebocos das construções), vidro, material lítico (seixo, granito e arenito), couro (em menor número na igreja da Conceição, porque não apresentava enterramentos no seu interior), osso (botão e

¹⁰ MENTZ RIBEIRO; PENHA; PESTANA, 2004.

conta-de-colar), sebo (vela), carvão, etc.

Com relação aos enterramentos, não são possíveis comparações com a catedral, pois na época da fundação da igreja Nossa Senhora da Conceição, já estava extinta a prática de enterramentos no interior dos templos. Os vestígios encontrados na igreja Nossa Senhora da Conceição também podem ser comparados com a Sé Primacial do Brasil, em Salvador, Bahia, igreja construída em 1549, desativada e destruída em 1933. Nesse sítio foram encontrados cerâmica (Neobrasileira e colonial vidrada), faiança, vidro, metal (moeda, cravo e ferramenta) e osso (conta-de-colar e botão).¹¹

Também foi comparado o material resgatado na igreja da Conceição com o obtido na intervenção arqueológica na área dos remanescentes da igreja de São Francisco de Assis, no Outeiro da Glória, Porto Seguro, Bahia¹². O objetivo principal foi identificar possíveis remanescentes dos alicerces do antigo edifício, ou outros elementos que pudessem caracterizar a ocupação portuguesa naquele local. Os materiais encontrados foram: cerâmica (Neobrasileira e colonial vidrada), faiança, metal (moeda, ferramentas e utensílios domésticos), vidro (garrafa de vinho e outras bebidas), material de construção e osso (resto de alimentação, conta-de-colar e botão). Assim como no sítio de Rio Grande, as escavações em Porto Seguro trouxeram à luz novos elementos a respeito das técnicas construtivas empregadas.

Outra comparação realizada foi com a pesquisa histórica no sítio Capela Santo Alberto, inserido no Projeto de Arqueologia Histórica da Serra do Itapety, Mogi das Cruzes, São Paulo¹³. Os vestígios materiais encontrados foram: cerâmica, vidro, faiança e metal. Assim como na igreja da Conceição, todas as informações arqueológicas, acrescidas de fontes históricas, elementos arquitetônicos e relatos dos habitantes da comunidade, direcionaram à reconstrução e preservação da Capela e a continuidade das tradições religiosas ainda hoje vigentes no local.

No município de Sobral, no sertão do Ceará, foi escavada a igreja de Nossa Senhora da Caiçara¹⁴, construída em 1746. O

¹¹ ETCHEVARNE; SOUSA; PALERMO, 2001, p. 100.

¹² NASCIMENTO, 2001, p. 102.

¹³ ANDREATTA; et al, 2001, p. 103.

¹⁴ ALBUQUERQUE; LUCENA, 1996, p. 394.

material cultural recuperado apresentou semelhanças ao da igreja da Conceição: cerâmica vermelha, faiança “grossa” (portuguesa ou majólica), faiança fina (*Blue edge*, *Flow blue* e *Banded ware*), vidro, metal (moeda, cravo, ferramenta e utensílios domésticos), osso (contas-de-colar, botão e cabo de faca) e material de construção.

5 - CONCLUSÕES

Uma das primeiras conclusões é que no local da igreja da Conceição não foram encontrados vestígios do forte de Jesus-Maria-José, de 1737, descartando uma tradição oral de que a igreja teria sido construída sobre aquela construção militar, marco da colonização portuguesa no Rio Grande do Sul. A inexistência de sepultamentos, tanto na parte externa como interna do templo, confirma os dados históricos: a partir de 1850 foram proibidos os enterramentos no interior das igrejas católicas, por questões de higiene e por motivos de lotação das mesmas. Na cidade do Rio Grande, “A prática na região vai até 1832, com a construção do cemitério Nosso Senhor do Bonfim, próximo à igreja Nossa Senhora do Carmo”¹⁵. O poço encontrado no interior da igreja pertencia a uma residência situada a oeste, provavelmente junto à via pública, ou era um dos oito poços de alvenaria que havia, em meados do século XIX, “em diversos locais da cidade, que forneciam água potável aos moradores”¹⁶. Seria, portanto, anterior a 1872, ano da construção da igreja, quando o poço teria sido aterrado.

A igreja recebeu um solo intencionalmente depositado de areia, cascalho e outros materiais, destinado a preparar o terreno para uma nova construção. O registro arqueológico do templo é formado, portanto, por depósitos secundários. O resultado é que o material cultural, por não ter origem primária, em sua grande maioria, impede afirmações quanto a sua origem, apenas de algumas peças. Esta constatação, por inferência, impossibilita maiores considerações espaço-temporais do material em si e do próprio templo. As diferentes categorias de artefatos e eles próprios devem ser estudados em relação aos seus aspectos intrínsecos e não deposicionais.

As imagens sacras em terracota, as contas-de-rosário, a

¹⁵ MENTZ RIBEIRO; RIBEIRO; SILVEIRA, 2004, p. 52.

¹⁶ MENTZ RIBEIRO; RIBEIRO; SILVEIRA, 2004, p. 87.

peça utilizada para apagar velas e as caixas de fósforos contendo mensagens religiosas, encontradas internamente, indicam tratar-se de materiais primários do templo.

Não foram observadas diferenças entre o material das diferentes camadas.

AGRADECIMENTOS

Queremos expressar agradecimentos a todos que, de maneira direta ou indireta, possibilitaram a realização do presente artigo. Destacamos:

Bel. Dagoberto Lopes de Oliveira, Profa. Eleni da Silveira Rodrigues, Bel. Márcio Teixeira Bastos e Prof. Rafael Alves Devos;

à metalúrgica Arc'Metais & Art'Ferro, representada pelos senhores Luiz Carlos Koller e Wagner Koller, pelas informações referentes aos metais;

à Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, representada pela Superintendência de Pesquisa – SUPPESQ;

ao Eng. Heitor Barcelos, membro e presidente da irmandade Nossa Senhora da Conceição, pelas informações históricas; à empresa de restauro Espaço e Construção, na pessoa do Arq. William César Xavier Pavão; ao Arq. Oscar Décio Carneiro, pelas informações arquitetônicas da igreja;

aos bolsistas, estagiários e ao técnico Brasília Gibikoski Loureiro, todos do LEPAN/DBH/FURG, ao último um agradecimento pelos desenhos técnicos do artigo;

à Dra. Betty J. Meggers, pela tradução do Resumo do presente artigo para a língua inglesa.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Situação crono-espacial de Unidades Funcionais em Pernambuco: uma abordagem de pré-escavação. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 8. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, v. 2. p. 393-407.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. *A faiança portuguesa: demarcador cronológico na Arqueologia Brasileira*. Recife, 2001. 153p. Tese [Doutorado]. 1 CD-ROM.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; VELOZO, Jango Nery. A faiança fina inglesa dos sítios arqueológicos brasileiros. *Clio*, n. 9, p. 81-96, 1993.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-histórica*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1997. 107p.

ANDRADE LIMA, Tânia. Arqueologia histórica: algumas considerações teóricas. *Clio*, n. 5, p. 1-96, 1989.

_____. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, Século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: USP, 1995. p. 129-191.

_____. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: USP, 1997. p. 93-129.

ANDREATTA, Margarida Davina; CHERMANN, Davi; FERNANDES, Vivian Cristiane; TOMIYAMA, Nair Harumi Tanabe. Arqueologia e arquitetura – sítio Capela Santo Alberto – século XVII – reconstruir sem destruir. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 11. *Resumos...* Rio de Janeiro, 2001. p. 103.

BRANCANTE, Eldino F. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo. Cia. Litográfica Ipiranga, 1981. 716p.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 137p.

CATÁLOGO DE MOEDAS BRASILEIRAS DE 1643 A 1975. 13. ed. Rio de Janeiro: Santos Leitão, 1976. 220p.

ETCHEVARNE, Carlos; SOUSA, Ana Cristina de; PALERMO, Francisco. Inferências sócio-históricas no âmbito do sítio arqueológico da antiga Sé de Salvador. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 11. *Resumos...* Rio de Janeiro, 2001. p. 100.

FONTOURA, Edgar Braga. *Sinopse da história de Rio Grande 1737/1822*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1985. 156p.

MAESTRI, José Mario. *O Escravo no RS: a gênese do escravismo gaúcho*. Caxias do Sul: UCS, 1984. 57p.

MARTINS, Solismar Fraga. Planejamento urbano na cidade do Rio Grande: um pequeno histórico. In: ALVES, Francisco da Neves; TORRES, Luiz Henrique (org). *A cidade do Rio Grande: estudos históricos*. Rio Grande: URG; SMEC, 1995. p. 185-193.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; RIBEIRO, Catharina Torrano; SILVEIRA, Ítela da. Arqueologia e história da aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do Cepa*. Santa Cruz do Sul: APESC/FISC, 1988. 112p.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PENHA, Maria Angélica Pereira; PESTANA, Marlon Pereira. Escavações arqueológicas na catedral de São Pedro, Rio Grande, RS, Brasil. In: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004. p. 45-79.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PESTANA, Marlon Borges; PENHA, Maria Angélica P. Escavações arqueológicas no Sobrado dos Azulejos, Rio Grande, RS, Brasil. *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, v. 16, p. 201-228, 2004.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Viva do. Pesquisa arqueológica dos remanescentes da igreja de São Francisco de Assis (século XVI) no sítio Outeiro da Glória – Porto Seguro/BA. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 11. *Resumos...* Rio de Janeiro, 2001. p. 102.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1822)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987. 192p.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 215p.

SCHÁVELZON, Daniel. *Arqueología histórica de Buenos Aires: la cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX*. Buenos Aires: Corregidor, 1991. 332p.

_____. *Tipología de loza arqueológica de Buenos Aires (1780-1900)*. Buenos Aires: Facultad de Arquitectura y Urbanismo de Buenos Aires, 1988. p. 1-25.

SYMANSKI, Luis Cláudio P. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 276p.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. Programa de Arqueologia Urbana do Município de Porto Alegre, RS. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 30, p. 76-98, 1999.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Rio Grande: geografia física, humana e econômica*. Porto Alegre: Sagra, 1983. 158p.

WEIMER, Günter. Estruturas sociais gaúchas e arquitetura. In: _____. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 168-179.

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES¹⁷

¹⁷ Alguns materiais ou peças não estão representados devido às suas pequenas dimensões ou mau estado de conservação, particularmente os metais.

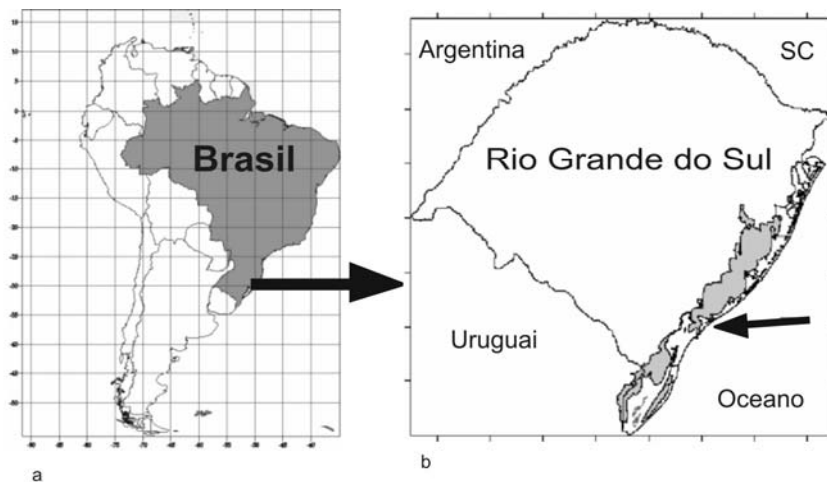


FIGURA 1 – a) Mapa da América do Sul indicando o Brasil; b) mapa do Rio Grande do Sul apontando a cidade do Rio Grande; c) planta baixa da cidade do Rio Grande indicando o sítio RS-LS: 94, Igreja Nossa Senhora da Conceição; d) planta baixa da

igreja da Conceição indicando os locais escavados.

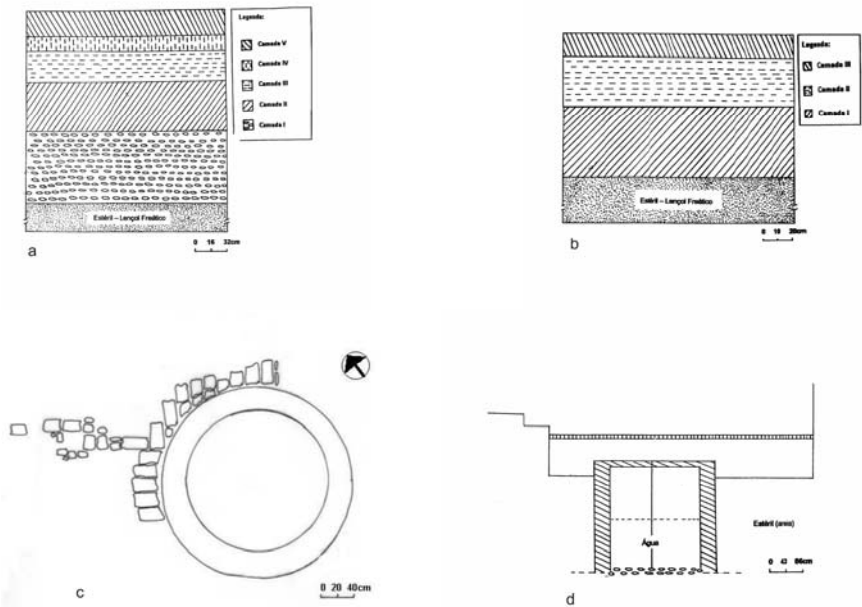


FIGURA 2 – a) Perfil estratigráfico do teste “A” (externo); **b)** perfil estratigráfico do teste “B” (interno); **c)** desenho do poço com o piso de tijolos; **d)** perfil estratigráfico do poço.



FIGURA 3 – Foto da fachada do prédio.



a



b

FIGURA 4 - a) Foto do teste “A” (externo - fundos do templo); **b)** foto do teste “B” (interno - nave central);



a



b

FIGURA 5 – a) foto das escavações junto ao poço; b) foto do piso de tijolos junto

ao poço (caminho ?).

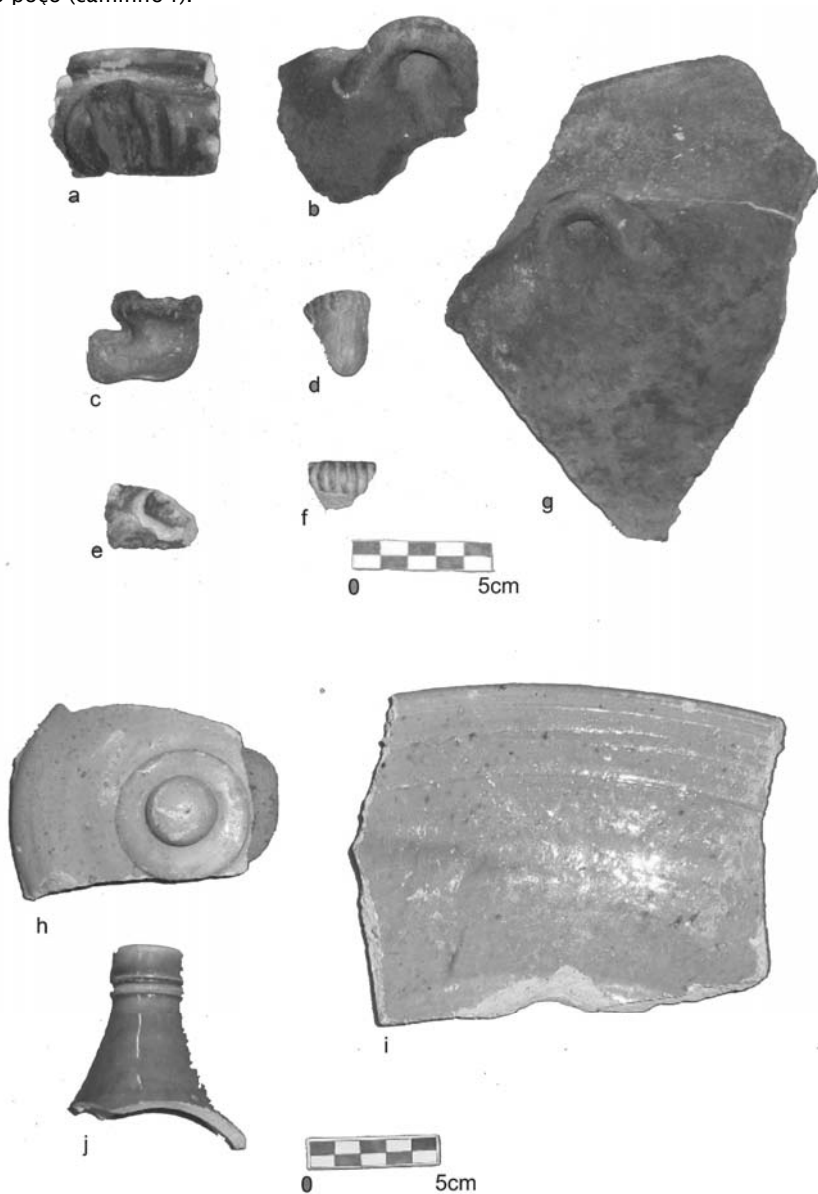


FIGURA 6 - Fragmentos de cerâmica Neobrasileira (a-g): bordas de vasilhas com asa (a) e alças (b,c), cachimbos (d-g); cerâmica vidrada (h-i): tampa de recipiente

(h), fragmento de vasilha (i) e *salt-glazed* (j): gargalo (j).



FIGURA 7 – Imagens sacras fragmentadas em caulim (a) e cerâmica (b); vaso fragmentado (c) e bibelô (d) em porcelana.

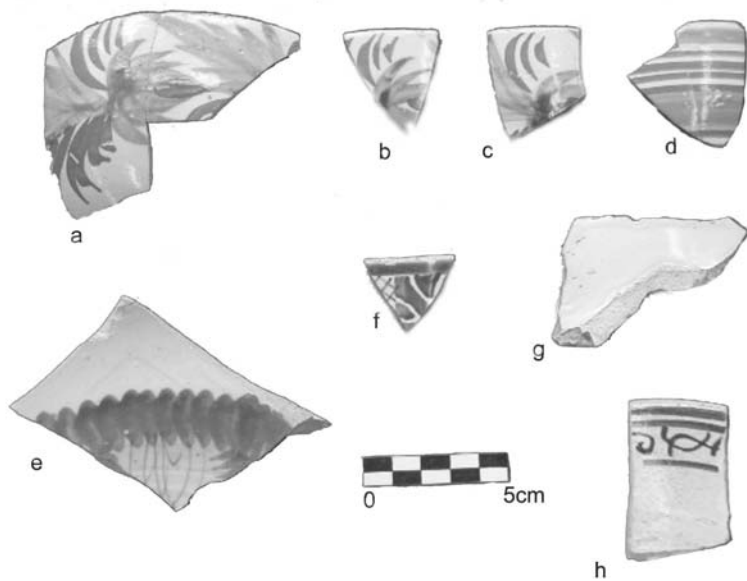


FIGURA 8 - Faiença portuguesa (a-h) e faiença fina inglesa (i-m) tipo *Transfer printed* (i, k), azul borrão (j, l) e litográfica (m).

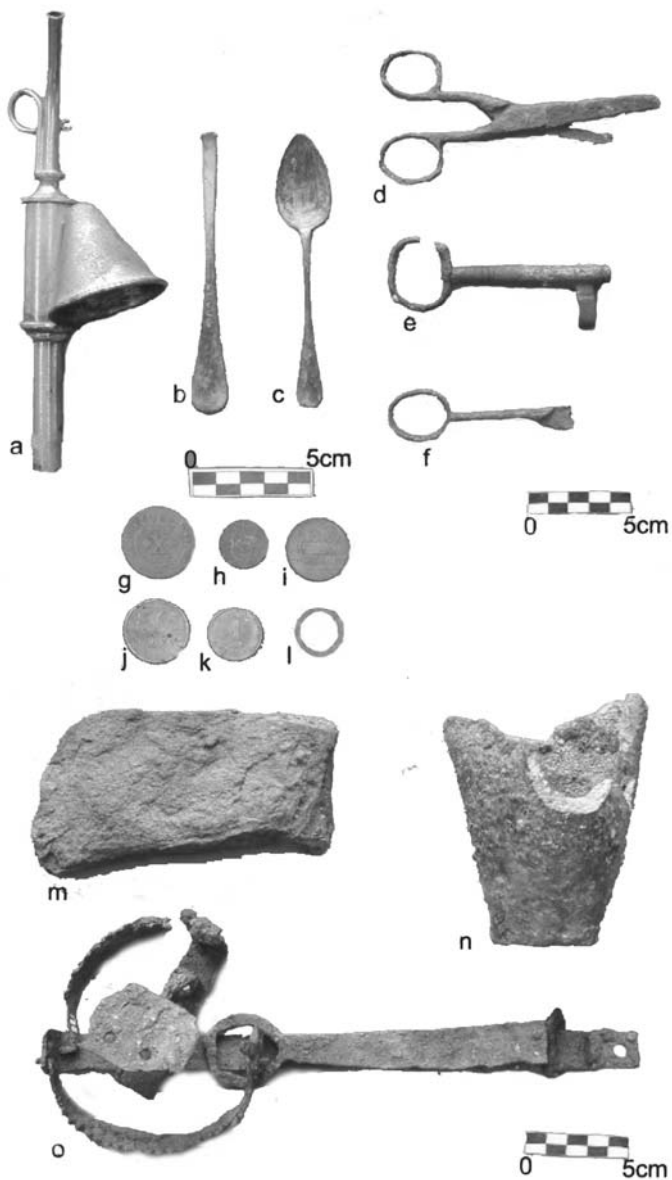


FIGURA 9 – Foto de peças em metal: acendedor/apagador de vela (a), talher fragmentado (b), colher (c), tesoura e fragmento de tesoura (d, f) e chave (e); moedas (g-k) e anel (l); lâmina de machado (m); cadinho (n) e armadilha (o).

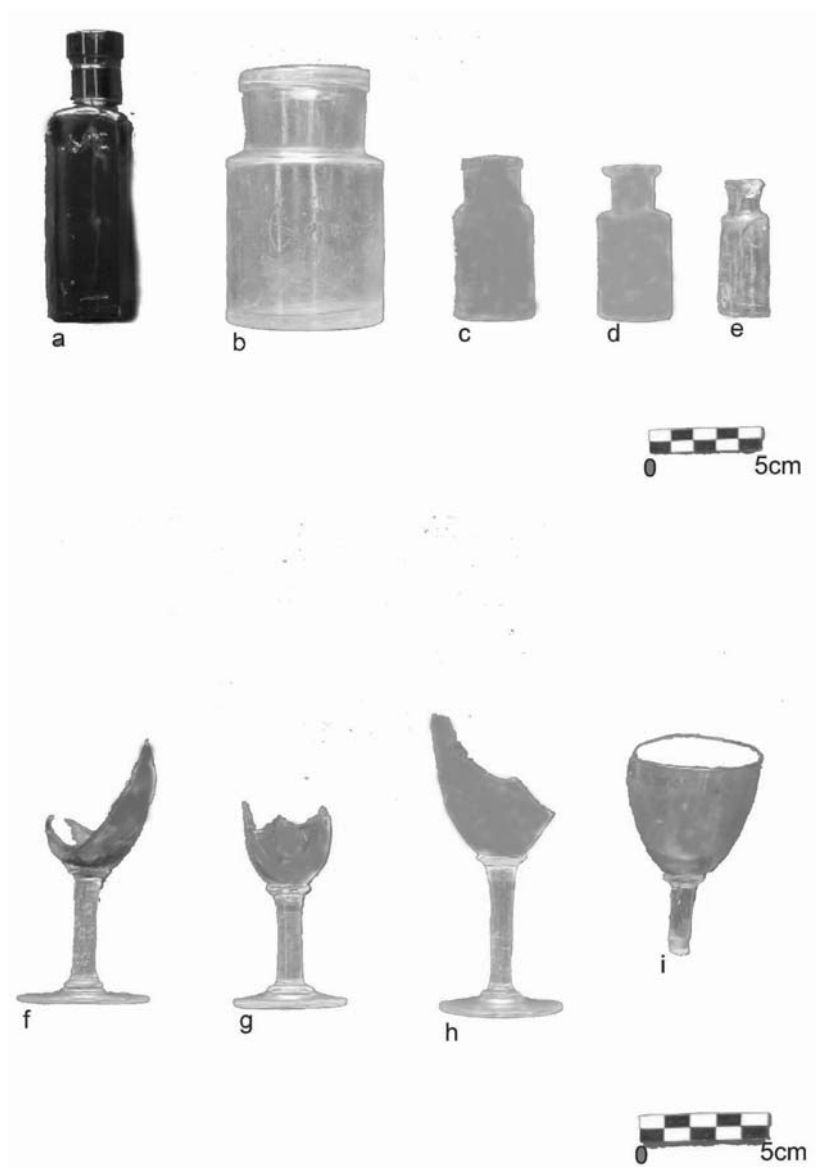


FIGURA 10 – Foto de peças de vidro: pequenos frascos de remédio (a, e), perfume (b), tinta (c, d) e cálices (f-i).

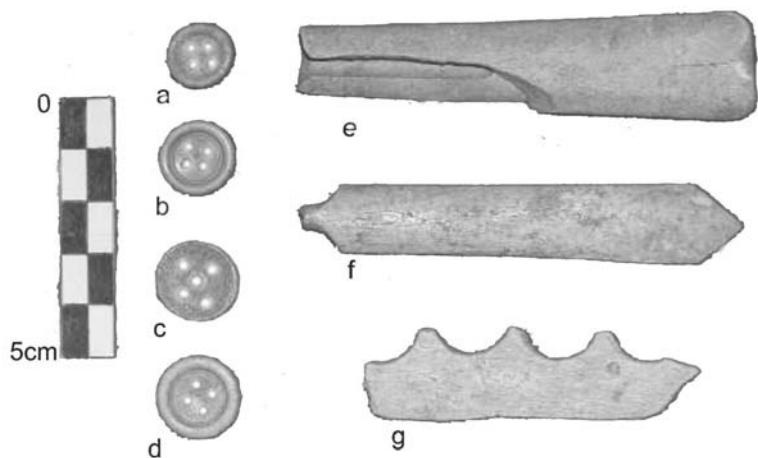


FIGURA 11 - Foto do material ósseo: botões (a-d), cabo de faca (e), cabo de escova de dentes (f), molde para extração de botões (g); peças de em faiança fina: bola de gude (h) e disco (i); em vidro: bola de gude (j).